

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Andréia Aparecida da Silva

TRABALHANDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA BIBLIOTECA
ESCOLAR

Belo Horizonte

2012

Andréia Aparecida da Silva

TRABALHANDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Elânia de Oliveira

Belo Horizonte

2012

Andréia Aparecida da Silva

TRABALHANDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elânia de Oliveira

Aprovado em 07 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Elânia de Oliveira – Faculdade de Educação da UFMG

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de sabedoria, força e fé na jornada.

Ao meu marido, Edivaldo, e aos meus filhos, Sofia e Samuel, que compreenderam a minha ausência em cada precioso sábado.

Aos colegas de curso.

À professora Elânia de Oliveira que tão bem e serenamente orientou o meu trabalho.

A Adriana, Maria Carmem, Margareth e Sander, grupo querido que tornou a jornada mais prazerosa, amigável e alegre.

A sempre amiga Luzia, pelo incentivo.

Aos alunos e professores da Ozanam Coelho, que tornaram real o meu plano de ação.

RESUMO

O presente plano de ação, “Trabalhando as relações étnico-raciais na biblioteca escolar” é um trabalho acadêmico que atende à disciplina ACPP. A elaboração, aplicação e análise deste plano é requisito para a conclusão do curso LASEB – Educação e Relações Étnico-Raciais e obtenção do título de especialista nesta área.

O objetivo central da proposta foi explorar os recursos da biblioteca que trazem a temática identidade racial e cultural, tais como livros de literatura, livros biográficos e vídeos, para trabalhar com a atividade de contação de histórias. Entre os objetivos, destacam-se ainda, possibilitar a discussão das relações étnico-raciais a partir das histórias selecionadas, tornar visível o kit de literatura africana e afro-brasileira, recebido pelas escolas da PBH, e elaborar estratégias para utilização do mesmo a curto e médio prazos. A grade curricular da escola é organizada de modo que a biblioteca receba diariamente três turmas. O plano de ação foi elaborado de forma que as 14 turmas recebidas semanalmente na biblioteca no turno da manhã, pudessem ouvir histórias, assistir a vídeos, fazer empréstimos de livros e revistas que tratassem da temática étnico-racial. O trabalho foi realizado durante um mês. Nesse período, os alunos, além de assistirem a vídeos e levarem livros para casa, também participaram de várias discussões e reflexões e fizeram um auto retrato. Foram levantados os dados sobre a quantidade de livros levados pelos alunos que abordavam a questão racial ou possuíam personagens negras. O trabalho possibilitou conhecer o rico acervo referente ao assunto e despertar o interesse dos alunos pelo mesmo.

Palavras-chave: leitura; biblioteca escolar; kit de literatura africana e afro-brasileira.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 JUSTIFICATIVA.....	7
3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DO CONTEXTO SOCIAL	9
4 A BIBLIOTECA ESCOLAR	11
5 OBJETIVOS.....	15
6 METODOLOGIA	16
7 DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA	17
8 AVALIAÇÃO	26
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
10 REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Sou professora, por formação, e trabalho há sete anos como auxiliar de biblioteca na Escola Municipal Governador Ozanam Coelho, (EMGOC) no bairro Capitão Eduardo, região nordeste de Belo Horizonte

A biblioteca sempre foi o meu lugar favorito em todas as escolas por onde passei. Na função de auxiliar de biblioteca desenvolvo atividades e práticas que considero valiosas para os alunos e que me proporcionam grande prazer.

O trabalho realizado na biblioteca e no qual está focado o meu plano de ação, consiste em receber todas as turmas semanalmente, contar histórias, fazer empréstimos de livros e revistas, além de organizar e proporcionar ambiente de leitura e pesquisa agradável e atraente ao aluno.

A grade curricular da escola é organizada de modo que a biblioteca receba diariamente três turmas. Assim as 14 turmas que estudam no turno da manhã, que é o meu turno de trabalho, visitam-na pelo menos uma vez por semana. E foi nesses momentos que o plano de ação foi desenvolvido.

A realização do plano de ação, uma das atividades exigidas para a conclusão do Curso de Especialização em Educação e Relações Étnico-Raciais, consistiu basicamente em contar histórias que apresentassem uma abordagem afirmativa acerca das relações étnico-raciais e mostrasse personagens negras. A partir dessas histórias no período de 17/10/2011 a 25/11/2011 foram realizados pequenos debates e dezenas de livros envolvendo personagens negras foram selecionados. A proposta era envolver todos os estudantes e, particularmente, possibilitar que as crianças negras pudessem se ver representadas positivamente nas histórias.

2 JUSTIFICATIVA

A maioria das crianças da EMGOC são negras. O texto, *Das (im) possibilidades de se ver como um anjo*, de Dagmar E. Estermann Meyer, estudado durante o curso, tocou em uma questão que norteia o meu projeto de plano de ação, que é a impossibilidade da criança negra se ver, através das histórias infantis, como um príncipe, uma princesa, uma fada, ou simplesmente uma criança comum com pais, brinquedos e uma infância feliz. Infelizmente, esses papéis são sempre representados por personagens brancas, com longos cabelos louros. É muito raro vermos um livro de contos de fadas ilustrado com personagens negras. Em contra partida, quando o protagonista é uma criança negra, é muito comum que temas como miséria e sofrimento estejam fortemente presentes. Dessa forma, são histórias que reforçam a ideia de que somente aquele tipo de situação está reservada à criança negra. As ilustrações de personagens negras costumam ser pouco atraentes e às vezes até apresentam um aspecto caricato, o que não atrai a atenção das crianças.

Foi pensando nessas questões que resolvi trabalhar com os livros de literatura infantil e infanto-juvenis do kit de literatura africana e afro-brasileira recebido pelas bibliotecas das escolas da prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e outros livros ou materiais que abordassem a questão racial de forma afirmativa, como o kit do projeto A Cor da Cultura. O objetivo do plano de ação foi discutir as relações étnico-raciais a partir das histórias selecionadas, tornar visível o kit de literatura africana e afro-brasileira, recebido pelas escolas da PBH, e elaborar estratégias para utilização do mesmo a curto e médio prazos.

Felizmente, consegui selecionar muitos livros interessantes, com histórias que traziam uma abordagem afirmativa acerca das relações étnico-raciais, buscavam valorizar o negro e a nossa cultura e apresentavam personagens lindamente ilustradas.

Foi uma agradável surpresa descobrir que existem bons livros com esse enfoque nas bibliotecas das escolas municipais. É preciso criar estratégias para que esses livros sejam vistos, descobertos e apreciados pelas nossas crianças. Ou seja, é preciso fazer com que esse tipo de material comecem a fazer parte do currículo de livros a serem lidos e trabalhados na escola.

A biblioteca é um ambiente muito favorável para desenvolver esse tipo de projeto. É um lugar que, se bem explorado, pode fazer a diferença na educação de crianças e jovens, e ficar para sempre na memória como uma lembrança boa.

Biblioteca e leitura sempre estiveram muito presentes na minha vida. Desde criancinha eu frequentava uma biblioteca que o padre de minha cidadezinha, Roças Novas, mantinha na casa paroquial e encantava-me com as histórias que lá encontrava. Até hoje me lembro bem da sensação boa que era dirigir-me até aquela casa e lá deliciar-me com uma única prateleira de livros que me levava para mundos tão diferentes do meu. Aquilo me fascinava. Essa paixão por bibliotecas e livros continuou me fascinando vida afora. E, inclusive, essa tal biblioteca de uma prateleira só foi ampliada e se tornou a Biblioteca Comunitária de Roças Novas, que contou histórias para muitas pessoas até 2010, quando um novo pároco a desativou, trazendo tristeza e destruindo um pedacinho da minha história e da história de muitos leitores da minha geração.

Hoje, felizmente, de acordo com a Lei 1.244/2010 todas as escolas brasileiras são obrigadas a ter uma biblioteca, com no mínimo um título por aluno matriculado. De acordo com Campello:

a escola que pretenda investir na leitura como ato verdadeiramente cultural não pode ignorar a importância de uma biblioteca aberta, interativa, espaço livre para a expressão genuína da criança e do jovem. Lugar para se gestar e praticar a troca espontânea que a leitura crítica proporciona, a leitura que inquieta, que faz pensar e reelaborar num autêntico processo de comunicação, cujo resultado é, sem dúvida, dos mais compensadores para as pessoas envolvidas, adultos e crianças, mediadores e leitores em formação. (CAMPELLO, 2002, p.23).

As bibliotecas da Rede Municipal de Belo Horizonte possuem um excelente acervo de livros infantis e infanto-juvenis que se destina à faixa etária da maioria dos alunos atendidos pela rede. Além disso, possui também um programa de bibliotecas que acompanha as atividades desenvolvidas, fornece suporte e material através do investimento de no mínimo 10% da verba que chega para a escola na biblioteca. Algumas bibliotecas ainda são muito pequenas, como a da escola em que eu trabalho, e com pouca chance de ser ampliada, devido à falta de espaço físico. Mas ainda assim são, em sua maioria, bibliotecas vivas que contribuem efetivamente para a formação do aluno.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DO CONTEXTO SOCIAL

O bairro Capitão Eduardo começou a se formar em 1987 a partir de pressão do movimento dos sem casa que colocou nas ruas mais de duas mil pessoas reivindicando moradia. A prefeitura destinou então 31 hectares para a criação do bairro.

A PBH distribuiu alguns materiais de construção como areia e brita e as casas eram construídas pelos próprios moradores.

Em 1989 foi fundada a Associação dos Moradores que teve enorme importância no desenvolvimento do bairro. Todas as melhorias tiveram participação da Associação e da mobilização de todos da comunidade.

A Escola Municipal Governador Ozanam Coelho foi fundada em 1992, e foi resultado de sucessivas reivindicações da comunidade e das políticas da Secretaria Municipal de Educação. Atualmente, a escola tem aproximadamente 1.100 alunos matriculados, distribuídos em 40 turmas nos três turnos. Sendo 860 matriculados na escola regular, 271 na escola integrada, 223 na UMEI.

A escola possui 14 salas de aula, duas quadras, sendo uma coberta, parque infantil (para alunos do 1º ciclo), pátio, 01 sala de informática, 01 biblioteca, telhadinho (espaço coberto para atividades recreativas). A Escola Integrada funciona no prédio do extinto Curumim e em uma casa alugada próxima à escola, só as refeições acontecem no espaço físico da escola. A UMEI funciona em sede própria e nos fins de semana a escola acolhe a Escola Aberta que atende escola e comunidade.

A escola tem uma boa relação com a comunidade e é bastante respeitada pela mesma, até porque a escola é quase tudo que a comunidade tem. Às vezes, até velórios acontecem na quadra da escola. O bairro tem pouca infra-estrutura e as pessoas buscam frequentemente a escola para resolverem seus problemas: xérox, internet, currículo, pesquisas, informações e até mesmo para usarem o telefone da escola.

A proposta político pedagógica da escola está em fase de construção.

O espaço físico da escola é insuficiente, direção, secretaria, caixa escolar, biblioteca são espaços minúsculos. A biblioteca não tem espaço suficiente nem para receber todos os alunos de uma turma com certo conforto, as prateleiras estão

lotadas e não há espaço para colocar outras, de modo que não está sendo mais possível acomodar o material que chega. Faltam salas disponíveis para as turmas de intervenção pedagógica que são obrigadas a buscarem espaços alternativos como a biblioteca, telhadinho e até uma sala que se destina ao vestiário das cantineiras, porteiros e guardas. O espaço físico é simplesmente crítico, mas a escola é bastante acolhedora.

4 A BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca da escola tem um projeto de atendimento às turmas que funciona da seguinte forma: atendemos três turmas por dia na biblioteca, fazemos empréstimos, contamos histórias, fazemos trabalhos diferenciados com os alunos como confecção de livros, leitura de livros de imagens, ilustração de histórias. Temos também o mural da biblioteca que fazemos mensalmente. Este ano começaremos com o projeto –**Uma Mala Cheia de Histórias**- que consiste em malas cheias de livros, que poderão ser selecionados por temas ou não. O objetivo é levar o aluno a viajar pelas histórias e fazer com que estas malas "viajem" pelas salas de aulas e lá permaneçam por um período. Também pretendemos fazer estas "viagens" em outros ambientes que não a biblioteca: quadra, jardim, telhadinho, enfim aproveitar outros espaços da escola.

Percebo como os alunos mudaram durante estes sete anos que trabalho na escola. A biblioteca ficou muito tempo sem auxiliar, muito bagunçada. Os alunos eram muito irresponsáveis com os materiais e livros da mesma. Hoje, eles adoram os momentos que passam na biblioteca, frequentam-na bastante, seja para pesquisa ou leitura e são bastante responsáveis com os materiais que usam ou levam para casa. É claro, que ainda não conseguimos cem por cento de devoluções, mas estamos no caminho.

A oportunidade de fazer esta pós-graduação acrescentou muito ao trabalho que realizo na escola. Além de ser um tema que muito me interessa, suscita muitas dúvidas e reflexões e precisa ser mais discutido e concretizado no ambiente escolar.

O trabalho que desenvolvo na escola no âmbito das relações étnico-raciais são as contações de histórias que acontecem na biblioteca. Tento escolher histórias que abordem o tema de forma positiva ou que as personagens sejam negras, porém nunca destaquei ou elucidei que estava contando aquelas histórias com o intuito de abordar o tema. Tive uma experiência muito gratificante com o livro “*As Tranças de Bintou*” de Sylviane A. Diouf. O livro conta a história de Bintou que sonha em tornar-se adulta para fazer tranças nos cabelos, enquanto isto não acontece vive com quatro biotes na cabeça que ela considera bobos e sem graça. Mas Bintou acaba tornando-se protagonista de um episódio em que salva dois meninos da aldeia e tem direito a um prêmio. Ela pede traças no cabelo, mas é uma criança, não pode ainda

ter tranças. Então sua vó passa óleo perfumado em seus cabelos, enfeita seus biotes com pássaros coloridos e Bintou sente-se linda e feliz. Após a contação da história dei um desenho da Bintou para os alunos colorirem e lã preta para que eles criassem penteados e colassem na cabeça da Bintou. Todos gostaram, principalmente as meninas. Durante alguns dias, várias delas voltaram à biblioteca para mostrar os penteados que tinham criado para elas próprias e pareciam mais felizes com seus cabelinhos crespos.

Estou feliz e disposta a trabalhar as relações étnico-raciais no ambiente da biblioteca. Pretendo agir no sentido de criar consciência em relação à temática e, principalmente através do trabalho com os livros de literatura afro-brasileira conseguir um olhar e sentir positivos em relação ao negro, sua história, cor, cultura e conseqüentemente trabalhar a auto estima das crianças, principalmente as negras, que são maioria na escola.

4.1 Biblioteca, leitura e formação do leitor

Acredito que a leitura e a formação do leitor de literatura são fundamentais para o desenvolvimento do meu plano de ação e para que ele se concretize de maneira efetiva.

Muitas crianças e adolescentes que constituem o corpo discente da escola têm seu primeiro contato com os livros na biblioteca escolar. Por isso, é importante que a criança sinta-se bem e tenha prazer nesse ambiente.

O bibliotecário, auxiliar de biblioteca ou professor que atue em biblioteca precisa ser um bom leitor, gostar da atividade de leitura, conhecer bem o acervo. O profissional da biblioteca será o responsável por promover atividades de leitura que suscite a curiosidade e o gosto pela leitura e estas serão fundamentais para a formação do leitor de literatura.

Felizmente, as bibliotecas das escolas municipais de Belo Horizonte possuem um acervo rico e diversificado o que facilita o trabalho de promoção da leitura. O acervo é composto por livros do FNDE, por livros, revistas e outros materiais adquiridos com verba destinada à biblioteca e por livros e periódicos enviados pela PBH.

O espaço físico da biblioteca em que atuo deixa muito a desejar, o espaço é pequeno, pouco maior que uma sala de aula, não há espaço suficiente para atender

confortavelmente uma turma de alunos, as prateleiras estão super lotadas e é impossível criar um ambiente diferente e aconchegante com almofadas e tapetes, por exemplo.

Para que a biblioteca seja ambiente favorável para a formação do leitor crítico, Campello ressalta que:

é preciso que a biblioteca seja pensada como um espaço de criação e de compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural em que crianças e jovens sejam criadoras e não apenas consumidoras de cultura. Três elementos estruturam esse novo conceito de biblioteca como lugar de formação de leitores: uma coleção de livros, e outros materiais, bem selecionada e atualizada; um ambiente físico concebido como espaço de comunicação e não apenas de informação, que leve em conta a corporeidade leitura de criança e do adolescente, isto é, os seus modos de ler; e por último, mas não menos importante no processo de promoção da leitura, a figura do mediador. (CAMPELLO, 2002, p.22).

Tenho observado no decorrer do meu trabalho na biblioteca, que os alunos tendem a ler livros de coleções que estão na moda ou prendem-se à apenas um estilo de livro de literatura: poesia, crônica, diário, terror, etc. Observo também, que geralmente, quando lemos um livro ou uma história de um livro para uma turma de alunos, desperta o interesse por aquele livro em questão ou outros com temática semelhante. Percebe-se aí a importância e a diferença que o mediador de leitura pode fazer na formação de um leitor. É preciso oferecer um leque diversificado de leituras de qualidade para o aluno para que ele de conta de todos os estilos e tipos de textos existentes em uma biblioteca e conhecendo-os possa identificar suas preferências e produzir sentido para suas leituras.

Quando comecei a trabalhar com os livros do kit de literatura afro-brasileira foi crescente o interesse dos alunos pelos mesmos. Muitos alunos nunca tinham se dado conta da existência desses livros na biblioteca, embora estes estivessem acessíveis para eles, daí a importância da mediação de leitura na biblioteca, muitas vezes é necessário que se apontem os caminhos. Sobre esse papel de mediador Campello diz:

o bibliotecário e o professor mediadores da leitura devem ser, eles próprios, leitores críticos capazes de distinguir, no momento da seleção e da indicação de livros, a boa literatura infantil e juvenil daquela “encomendada”, com aparência moderna, engajada, mas totalmente circunstancial, cuja fórmula simplificada, abusivamente repetida, desprepara o leitor em formação para a aceitação de outros textos, mais complexos, no futuro. (CAMPELLO, 2002, 23).

A escola que pretenda investir na leitura e na formação de leitores críticos, não pode ignorar uma biblioteca aberta, com profissionais capacitados e ambiente acolhedor e interativo.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Explorar os recursos da biblioteca que trazem a temática identidade racial e cultural, tais como livros de literatura, livros biográficos e vídeos para trabalhar com a atividade de contação de histórias.

5.2 Objetivos específicos

- Discutir as relações étnico-raciais a partir das histórias selecionadas para trabalho.
- Tornar visível o kit de literatura africana e afro-brasileira, recebido pelas escolas da prefeitura de Belo Horizonte (PBH).
- Elaborar estratégias para utilização do kit de literatura africana e afro-brasileira a curto e médio prazos .

6 METODOLOGIA

As atividades elaboradas para o plano de ação foram desenvolvidas com as 14 turmas da escola que são semanalmente atendidas na biblioteca, no turno da manhã. Para efeito de relato, foram analisadas apenas três: uma turma de 3º, uma de 4º e uma de 5º ano. As atividades foram realizadas durante um mês, que somaram quatro encontros na biblioteca. Planejei realizar esses encontros no período de 17/10/2011 a 18/11/2011, mas devido a feriados e outras atividades do calendário escolar, os encontros aconteceram até o dia 25 de novembro de 2011.

Na primeira semana de encontros, realizados de 17 a 21 de outubro, foi exposto, de forma geral, e a título de contextualização, informações sobre o continente africano e sobre a Lei 10.639, sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em de janeiro de 2003. Essa lei torna obrigatória a inclusão do ensino da História da África e da cultura Afro-Brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino públicos e particulares da educação básica. Exibi o vídeo Capoeira, Jongo e Maracatu, constantes no kit A Cor da Cultura. São livros animados de Sônia Rosa que relatam a origem e tradição dessas modalidades artísticas e mostram crianças realizando essas danças e confeccionando instrumentos utilizados nas mesmas.

Depois, disponibilizei vários livros que tratavam a temática étnico-racial para os alunos levarem para casa. Os livros foram colocados em malas intituladas "malas cheias de África". O objetivo nessa etapa foi apresentar e contextualizar o assunto com o qual trabalharíamos nos próximos encontros, visando aguçar o interesse e a curiosidade por partes dos alunos. A escolha do vídeo Capoeira, deveu-se ao fato de ser um assunto de interesse dos alunos, muitos a praticam e existe um projeto de aprendizagem da Capoeira sendo realizado aos sábados no projeto Escola Aberta, da PBH.

7 DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

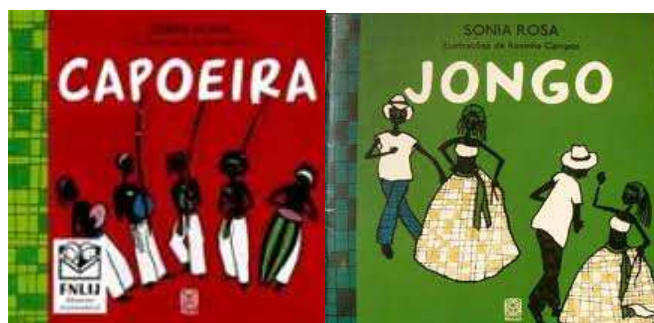


Figura 1: Livros Capoeira e Jongo –Sônia Rosa
Fonte: Acervo pessoal



Figura 2: Atividade de leitura na biblioteca
Fonte: Acervo pessoal

À medida que o plano ia se desenvolvendo, fui percebendo muito interesse por parte dos alunos. Eles relataram suas experiências com a capoeira, mostraram-se atentos à exibição dos vídeos e não ofereceram resistência em levar para casa os livros que tinham sido selecionados. Além de literatura infanto-juvenil, os livros

também relatavam experiências reais de algumas personalidades negras, traziam fotos de quilombos, de penteados e cabelos afro e ainda fotos que faziam comparações entre alguns países da África e o Brasil. Estes últimos da coleção Olhar a África e ver o Brasil, de Pierre Verger.



Figura 3: Uma mala cheia de África
Fonte: Acervo pessoal

Na segunda semana de encontros, realizados de 24 a 28 de outubro, exibi o vídeo da história do Menino Nito, que também faz parte dos livros animados constantes no kit A Cor da Cultura. A obra O Menino Nito, de Sônia Rosa, conta a história de um menino que expressa seus sentimentos em quaisquer circunstâncias, chorando em demasia. O pai chama-o para uma conversa, diz que ele já está virando um rapazinho e já é hora de parar com tanta choradeira. Afinal, homem que é homem não chora, diz o pai.

Nito resolve, então, trancar os choros, chegando ao ponto de adoecer por isso. A família chama o Dr. Aimoré que, após uma conversa com o menino, prescreve que este “desachore” os choros engolidos. Ao final, pai e filho se abraçam

e compreendem a lição de que o homem também chora e deve mesmo chorar quando sentir vontade.



Figura 4: O Menino Nito – Sônia Rosa
Fonte: Acervo pessoal

Após a exibição da história, conversei com os alunos sobre o livro que apresenta uma história muito significativa, do ponto de vista familiar, quando toca na questão do machismo, e uma abordagem muito positiva acerca da educação para as relações étnico-raciais, ao apresentar uma família negra, bem estruturada, com pais presentes que amam e se preocupam com o filho. As ilustrações das personagens do livro também são bonitas. Falei ainda sobre a importância de expressarmos nossos sentimentos e de se ter alguém em quem confiar e com quem repartir nossas angústias. Os alunos se mostraram atentos, embora a maioria já conhecesse a história que é bastante trabalhada na escola.



Figura 5: Exibição do livro animado: O Menino Nito em data show
Fonte: Acervo pessoal

No momento seguinte, pedi que os alunos escolhessem entre os livros pré selecionados e colocados em malas, um para eles levarem para a casa. Desta vez, porém, selecionei livros que traziam personagens negras e outros com personagens brancas e coloquei à disposição para que eles escolhessem. Levantei os dados de quantos livros com personagens negras foram levados e por quais alunos. Pretendia, com isso, verificar se os alunos sentiram-se motivados, tocados pela temática trabalhada nestes dois encontros na biblioteca, de modo a se interessarem em levar os livros que apresentassem personagens negras. É importante ressaltar que a maioria das crianças da escola são negras.

A turma de 3º ano escolhida para relato, era composta por 27 alunos, sendo 10 meninos e 17 meninas. Nove alunos levaram livros com a temática. Destes, todos possuíam fenótipo negro.

A turma de 4º ano escolhida para relato, era composta por 21 alunos, sendo 10 meninos e 11 meninas. Dezesete alunos levaram livros com a temática. Destes, 16 possuíam fenótipo negro.

A turma de 5º ano escolhida para relato era composta por 25 alunos, sendo 16 meninos e nove meninas. Nove alunos levaram livros com a temática. Destes oito, possuíam fenótipo negro.

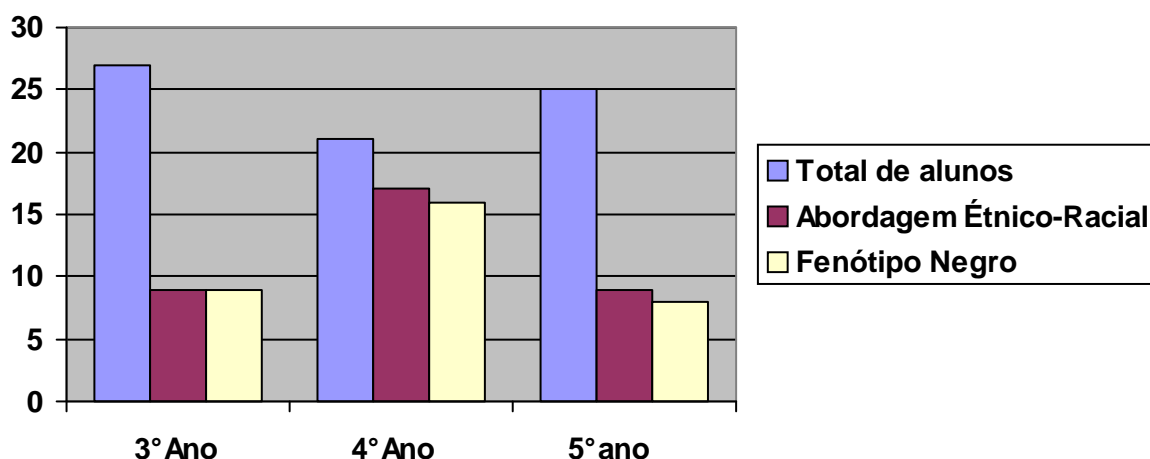


Gráfico 1 – Empréstimo de livros – escolha orientada
 Fonte: Dados da pesquisa

Na terceira semana de encontros, realizados de 07 a 11 de novembro, pedi a alguns alunos que fizessem um relato das histórias dos livros que haviam levado na semana anterior e dissessem se haviam gostado ou não da história e por quê. Não consegui muito resultado nessa atividade. Poucos quiseram recontar a história que leram e muito menos dizer o motivo de terem gostado ou não da história lida. Penso que alguns alunos se recusaram a falar por timidez mesmo e outros, infelizmente a maioria, por não terem lido os livros levados. De modo que não consegui levantar nenhum dado que merecesse relato acerca da temática em questão.

Após essa atividade, exibi o vídeo Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado, que conta a história de um coelho branco que se apaixona por uma criança negra. O coelhinho quer também ter a pele escura como a da menina e, por fim, descobre que ele não terá a cor escura como a da menina, mas poderá casar-se com uma coelhinha preta e ter filhotinhos pretinhos e lindos como a menina.

Não tinha planejado trabalhar com essa história, mas à medida que fomos tocando na questão das relações étnico-raciais, sobre a diversidade cultural e sobre a diversidade de tons de pele e cabelos que compunham cada sala de aula que ia sendo atendida, os próprios alunos foram lembrando dessa história e pediram que eu exibisse o vídeo para eles. Após a exibição do vídeo, seguiu-se uma das discussões mais interessantes do processo de realização do plano de ação e a que tive mais dificuldade de mediar também. Uma aluna disse que não via beleza

nenhuma na menina bonita do laço de fita, mas não por causa do seu cabelo ou do seu tom de pele. A partir daí os alunos foram falando o que pensavam sobre a beleza e sobre os padrões de beleza da sociedade atual e acabaram concluindo que cada um tem que se sentir bem consigo mesmo, ter auto estima, se valorizar, gostar da sua pele, de seu cabelo e do seu corpo e principalmente, respeitar e conviver com as diferenças. A história também faz referência à miscigenação da nação brasileira, a partir do casamento de um coelhinho preto com uma coelhinha branca e o nascimento de coelhos pretos, brancos, pintados e de vários tons.



Figura 6: Menina bonita do laço de fita – Ana Maria Machado
Fonte: Acervo pessoal

O comentário dessa aluna sobre a falta de beleza na menina bonita trouxe algumas reflexões: por que ela achou a menina bonita feia? seria porque o desenho é caricatural, meio desproporcional? os olhos e dentes da menina são muito grandes. Seria porque ela não está acostumada a ver uma menina negra como protagonista de uma história, ainda mais no papel de uma menina de almejada beleza?

Acredito que o fato das ilustrações do livro terem traços caricaturais, se deva ao traço característico do ilustrador Claudius, e não necessariamente a uma intencionalidade de se retratar a menina negra de forma caricata e feia. Mas, de qualquer forma, o desenho caricatural pode contribuir para um estranhamento ou o não reconhecimento da menina como bonita.

Diferente da edição brasileira, a edição espanhola do livro Menina Bonita do Laço de Fita, que tem como título: Nina Bonita, traz belíssimas ilustrações, as

personagens são representadas com traços mais humanos, sensíveis e delicados. Penso que qualquer menina que visse as ilustrações dessa edição ficaria muito satisfeita de se parecer com a protagonista da história. Na literatura infantil a ilustração é elemento fundamental que pode dizer muito para a criança.

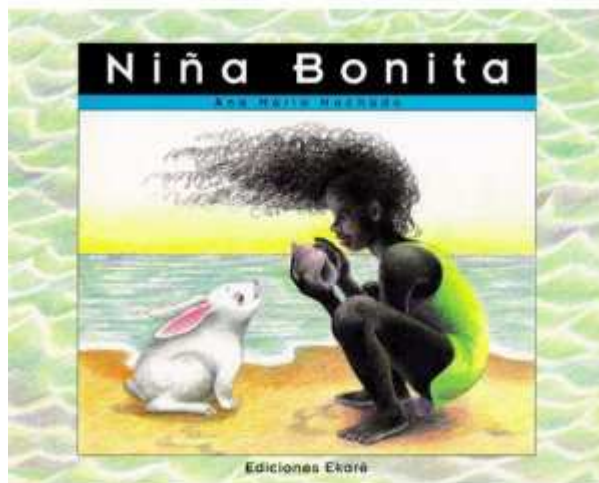


Figura 7: Nina Bonita – Ana Maria Machado
Fonte: Acervo pessoal

Segundo Gregorim Filho (2009), nem só de palavras se constrói um livro para crianças; a ilustração é uma das linguagens não verbais mais recorrentes na obra literária infantil. Segundo autor a ilustração exerce uma função dialógica que promove o diálogo com emoções, por meio de postura, gestos e expressões de personagens e outros elementos estruturais da narrativa, além de expressar valores do destinador de caráter social e cultural, acrescentando novos significado ao texto verbal.

Depois da discussão, novamente eles escolheram livros para levarem para casa. Porém, desta vez, a escolha foi livre, não selecionei os livros. Levantei novamente os dados de quantos livros com personagens negras foram levados e por quais alunos, buscando mais uma vez verificar o interesse dos alunos pela temática trabalhada.

Na turma de 3º ano escolhida para relato, entre 27 alunos, dez deles levaram livros com a temática. Destes, seis possuíam fenótipo negro.

Na turma de 4º ano escolhida para relato, entre 21 alunos, onze deles levaram livros com a temática. Destes, 10 possuíam fenótipo negro.

Na turma de 5º ano escolhida para relato, entre 25 alunos, sete deles levaram livros com a temática. Destes os sete possuíam fenótipo negro.

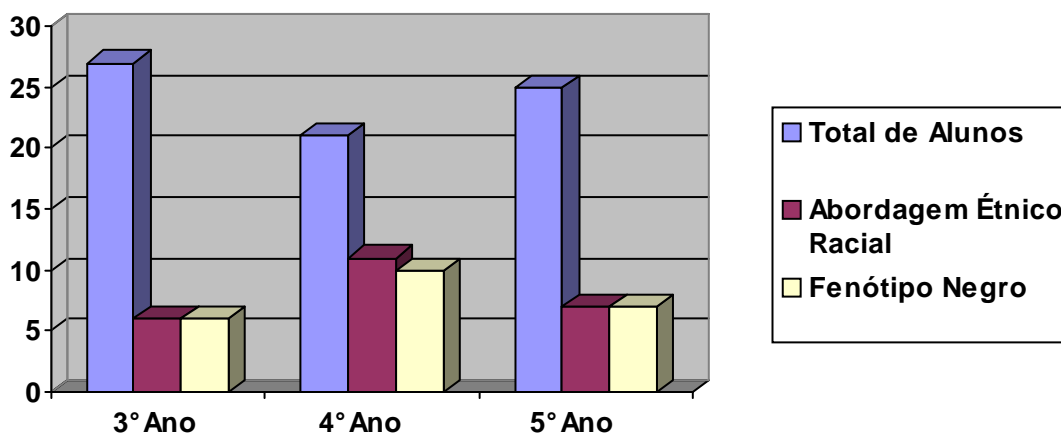


Gráfico 2 – Empréstimos de livros- escolha livre.
Fonte: Dados da pesquisa

Na quarta e última semana de encontros, realizados de 21 a 25 de novembro, exibi o vídeo Bichos da África, de Rogério Andrade que também faz parte dos livros animados: A cor da Cultura (BRASIL, 2006) e retrata um pouco os bichos e paisagens característicos de algumas regiões do continente africano. Os alunos gostaram muito das lendas africanas apresentadas no vídeo.

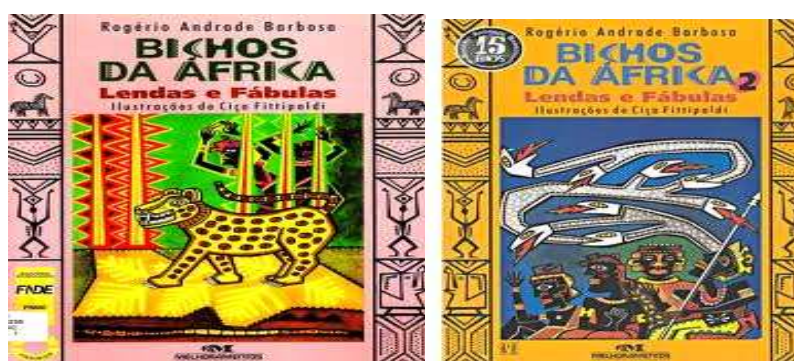


Figura 8: Bichos da África: Rogério Andrade Barbosa
Fonte: Acervo pessoal

Para concluir, pedi que eles fizessem um auto retrato para a confecção do mural da biblioteca.

O objetivo da confecção do auto retrato era ver, sentir e perceber como os alunos se representariam, ou melhor, se desenhariam após termos conversado a respeito das várias influências da cultura africana em nossa cultura e sobre a

resistência dos povos africanos trazidos para o Brasil que tanto contribuíram para formação do nosso povo.

Felizmente, a maioria dos alunos foi fiel na confecção do auto retrato. Procuram retratar fielmente o seu aspecto físico e alguns ainda desenharam símbolos ou objetos dos quais gostavam como: time de futebol, alguma referência religiosa, além de colares, brincos, pulseiras ou penteados que lhes eram característicos. Penso que compreenderam o objetivo das atividades realizadas nos quatro encontros. Os desenhos dos alunos ficaram expostos em murais por toda escola com o seguinte título: O retrato da nossa escola.

8 AVALIAÇÃO

De forma geral, os alunos gostaram e mostraram muito interesse pelas atividades, principalmente os vídeos. Muitos, embora não a maioria, optaram por levar livros que abordassem algum aspecto da temática étnico-racial. Alguns alunos, porém, pareciam incomodados e mostraram insatisfação durante a realização das atividades, faziam piadinhas e riam muito quando aparecia nos vídeos crianças ou personagens com o fenótipo do negro.

Em relação às ilustrações dos livros trabalhados, estas reações de risos e piadas podem estar relacionadas à forma como o negro foi representado, o desenho caricatural pode contribuir para isso. Porém, isso também acontecia quando apareciam crianças negras nos vídeos. O que nos traz elementos para reflexão: será que grande parte desses alunos, mesmo sendo negros, não se reconhecem como tal? ou não se sentem bem vendo seu semelhante e tão pouco sentem orgulho de sua cor? Essa atitude seria resultado da discriminação e da desvalorização que o negro sofre diariamente no seu contexto escolar e social? Pensando nessas questões percebemos a necessidade de intensificar atividades que trabalhem as relações étnico-raciais na escola, visando criar consciência quanto ao racismo ainda vigente na nossa sociedade e quanto a mediocridade que isso representa.

A criança negra precisam se sentir bem com sua cor e sua história. A escola é ambiente adequado para promover esta mudança de postura.

O fato dos alunos levarem livros para casa não significa necessariamente que eles serão lidos, o que ficou comprovado na atividade de reconto, sugerida no plano de ação. Os alunos levaram os livros para casa, mas quase nenhum na semana seguinte soube contar a história do livro que levou. Porém, acredito que ainda assim é válido. Pelo menos por um instante a criança teve desejo de levar determinado livro para casa e a chance, de em algum momento, durante a semana, aquele livro despertar a curiosidade de leitura daquela criança é maior do que se aquele livro estivesse na estante da biblioteca. Defendo o empréstimo programado para as turmas. Quando o empréstimo é livre, só os alunos que já se despertaram para a leitura frequentam a biblioteca. Já no empréstimo programado para as turmas, todos os alunos visitam a biblioteca semanalmente e podem em algum momento serem

conquistados por algum livro, e partir daí, começar a desfrutar do prazer que o hábito de leitura pode proporcionar.

Quanto a mim, foi desafiador tocar na questão das relações étnico raciais. É um assunto ainda pouco discutido abertamente e, por mais que me preparasse muitas vezes, me vi sem saber o que dizer ou com receio de dizer algo que não fosse muito acertado. Foi uma experiência muito enriquecedora e é um trabalho que pretendo continuar realizando no próximo ano, com a certeza de que quanto mais discutirmos essa questão, mais evidente ela se tornará e pouco a pouco deixará de ser um tabu.

A resposta dos alunos e professores foi bastante positiva. A maioria dos professores foi bem receptiva ao trabalho e eles colaboraram bastante tanto no debate da temática como na realização das atividades propostas.

Envolver as 14 turmas com as quais trabalho foi importante no sentido de tentar criar consciência, despertar sensibilidade e reflexão em relação à temática identidade racial e cultural nas relações étnico raciais. Além de tentar a partir das histórias constantes no kit de literatura africana e afro-brasileira, desconstruir a imagem depreciativa do negro mostrada e fixada ao longo da nossa história.

Foi enriquecedor descobrir tantas histórias bonitas, tantos livros que trazem uma imagem positiva do negro, mostrando sua resistência através de suas músicas, cores, comidas, vocabulário e outras características tão facilmente identificadas na cultura brasileira. Livros que contam histórias bonitas de crianças negras que brincam, fazem travessuras e são amadas pelos seus pais, avós, amigos, enfim amadas por aqueles que as cercam. O que deveria ser a trajetória de vida de toda criança. É importante para a criança negra se ver retratada desta forma, uma vez que isto quase nunca acontece nas histórias que ela habitualmente ouve ou lê.

Mesmo que a maioria dos alunos não tenha levado para a casa os livros que tocam em algum aspecto da temática étnico-racial, acredito que o fato de torná-los visíveis, manuseá-los, estudá-los, enfim, apresentá-los aos alunos já foi ótimo. E tenho certeza que despertou o interesse de muitos e a alegria de outros tantos. Uma aluna em especial do 5º ano me chamou a atenção, foi lindo perceber como ela se sentiu feliz, importante, estudando, pegando naqueles livros que traziam personagens parecidos com ela, como ela ficava atenta a cada história e a cada comentário feito. Sua turma foi uma das últimas a confeccionar o auto retrato e como já era final do ano letivo, ela procurou-me na biblioteca para perguntar se iria ter

tempo de fazer o seu auto retrato e percebi como aqueles encontros tinham sido importantes para ela.

O fato de receber semanalmente todas as turmas da escola e trabalhar com contação de histórias e outras atividades no espaço da biblioteca propiciou o desenvolvimento do projeto e um diálogo mais próximo com os professores e alunos, visando à promoção de alguma mudança de atitude.

Considero que o trabalho alcançou os objetivos propostos e ainda conseguiu chamar a atenção da comunidade escolar para a temática. Ao mesmo tempo, evidenciou o riquíssimo acervo de materiais que a biblioteca possui a respeito da temática étnico – racial. É um trabalho que deve ser feito de forma contínua até que esse material passe a ser plenamente utilizado por professores e alunos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil, nos idos de 2012, continua sendo considerado um país livre de preconceito e discriminação racial, o que não colabora para o avanço dessa questão, se o preconceito e a discriminação não existem, não há contra o que lutar. E enquanto isso a tão falada e utópica democracia racial continua muito distante.

Felizmente, alguns passos foram dados e alguns avanços conquistados como a criação da Lei 10.639. É preciso que as escolas passem a enfatizar a luta e resistência dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e a formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes a história do Brasil. Ainda assim é triste constatar que se precise criar uma lei tornando obrigatório tal ensino para que ele se efetive quando este deveria ser inerente nas escolas brasileiras. Lamentavelmente, mesmo com a lei, muitas escolas ainda não se comprometem como deveriam, nem tem consciência da importância que este conteúdo representa para a formação de nossas crianças e jovens.

Nossas crianças e jovens precisam conhecer a história bonita de luta e resistência da população negra para que dela possa se orgulhar e perceber que esta sim, é muito maior que o passado de escravidão. A escola é ambiente propício e primordial para o conhecimento dessa história. De acordo com Gomes:

a implementação da Lei 10.639/03 e de suas respectivas diretrizes curriculares nacionais vem somar às demandas do movimento negro, de intelectuais e de outros movimentos sociais que se mantêm atentos à luta pela superação do racismo na sociedade, de modo geral, e na educação escolar, em específico. Esses grupos partilham da concepção de que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. Acreditam que a escola, sobretudo a pública, exerce papel fundamental na construção de uma educação anti-racista. (GOMES, 2008, p.69.)

A escola deve ser local de realização de atividades que priorizem o trabalho em torno das relações étnico – raciais. É preciso falar sobre o tema, discutir situações em que esteja presente alguma forma de preconceito ou discriminação entre alunos. Enfim, tornar visível o preconceito racial ainda operante na escola e em todas as esferas sociais.

10 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rogério Andrade. **Bichos da África**. 6.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1987. V.2, p.16.

BRASIL. Ministério da Educação. **Livros animados**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. (A Cor da Cultura).

CAMPELLO, Bernadete Santos. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DIOUF, Sylviane A . **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.p.31.

ESTERMANN MEYER, Dagmar..Experiências étnico-culturais para a formação de professores.In: GOMES, Nilma Lino (Org). **Das (im) possibilidades de se ver como um anjo**. Belo Horizonte: Autêntica, Belo Horizonte, 2002, p.51.

GOMES, Nilma. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antônio. **Multiculturalismo, diferenças e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008, p.67.

GREGORIM FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1994.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Niña bonita**. Caracas: Ekaré, 1997.

MARTINS, Aracy Alves et al. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ROSA, Sônia. **O Menino Nito: - então, homem chora ou não?** Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

ROSA, Sônia. **Capoeira**. 2.ed. : Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

ROSA, Sônia. **Jongo**: Rio de Janeiro: Pallas, 2009

ROSA, Sônia. **Maracatu**: Rio de Janeiro: Pallas, 2004.